

## **A história do Outro em *Gênesis* de Sebastião Salgado: uma leitura anticolonial do capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indionesia***

A history of the other in *Genesis* by Sebastião Salgado: an anti-colonial reading of the chapter *Tribes of Irian Jaya, Indionesia*

Marina Feldhues

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: marinafeldhues@gmail.com

José Afonso da Silva Júnior

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Pompeu Fabra, Espanha. E-mail: zeafonsojr@gmail.com

### **Resumo:**

Neste trabalho propomos realizar uma leitura anticolonial do capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indionesia* do livro *Gênesis* de Sebastião Salgado. A partir da matéria da obra, isto é, da narrativa verbovisual do capítulo e dos textos de apresentação do livro, e na companhia de autores da crítica anticolonial, como Denise Ferreira da Silva e Ariella Aïsha Azoulay, pretendemos refletir sobre como os indivíduos com os quais o fotógrafo esteve em contato para a realização deste capítulo são figurados no discurso da obra.

### **Palavras-chave:**

Anticolonial; Narrativa; História; Outro; Fotografia.

### **Abstract:**

In this work we propose to carry out an anti-colonial reading of the chapter *Tribes of Irian Jaya, Indionesia* of the book *Gênesis* by Sebastião Salgado. Based on the material of the work, that is, the verb-visual narrative of the chapter and the presentation texts of the book, and in the company of authors of anti-colonial criticism, such as Denise Ferreira da Silva and Ariella Aïsha Azoulay, we intend to reflect on how the individuals with whom the photographer was in contact for the realization of this chapter are figured in the work's discourse.

### **Keywords:**

Anti-colonial; Narrative; Story; Other; Photography.

## 1 Introdução

A foto é o fruto resultante de um evento fotográfico. Azoulay (2015, p. 30) diz que este evento é uma “série infinita de encontros”. Do primeiro encontro entre fotógrafo, fotografado e demais participantes, aos infinitos encontros que esta terá ao longo de sua existência com diversas pessoas. Estes eventos normalmente se dão em diferentes tempos e lugares. Daí que a linearidade do “afeto-pensamento” da intenção do fotógrafo na realização da foto ao recebimento da mesma pelo espectador é apenas uma das relações possíveis em um dado encontro, afinal “o que está registrado numa fotografia é sempre mais do que o que foi intencionado” (AZOULAY, 2019, p. 235). A foto estará disponível para novos encontros, novos sentidos e afetos, sem alcançar um fim.

Nossa leitura é um encontro com as fotografias realizadas por Sebastião Salgado. Mas não apenas com as fotografias, pois estas não estão soltas no espaço; elas foram ordenadas, impressas e justapostas a textos nas páginas de um livro-código, *Gênesis*. As fotografias estão, portanto, contextualizadas e “contexto define sentido” (BORGRE, 2019, p. 69) ou, como disse Hall (2016, p. 144), “o ‘significado’ da fotografia, então, não se encontra exclusivamente na imagem, mas na soma desta e do texto. São necessários dois discursos – o discurso da linguagem escrita e o da fotografia – para produzir e ‘fixar’ o significado”. Elas fazem parte do discurso intencional de seu autor, estão inseridas numa narrativa verbo-visual, *Tribos de Irian Jaya, Indonésia*. É desta narrativa que faremos a leitura anticolonial proposta para este trabalho.

O que nos interessa, na leitura, é refletir sobre como os indivíduos que colaboraram com o fotógrafo para a realização das fotografias e, talvez, para a realização do texto escrito por Salgado sobre eles, são representados e inscritos dentro do livro. Para esta reflexão, tomamos como companheiros de leitura autores que partilham de um pensamento anticolonial, que procuram de uma ou outra forma desconstruir os marcos ontoepistemológicos do pensamento moderno-ocidental

(europeu, norte-americano e japonês)<sup>1</sup>. Dito isso, sigamos a uma breve apresentação do capítulo lido.

## 2 O capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indonésia*

*Gênesis* (2013), de Sebastião Salgado, é um livro volumoso, grande e pesado, com mais de 500 páginas, que traz um pequeno fascículo a parte com legendas para as imagens vistas no volume maior. É nesta matéria que inserem os textos e as fotografias. Nossa primeira impressão ao ler o título, tocar o livro, folhear suas páginas e, por fim, ver algumas das imagens foi a de que o livro era cansativo visualmente e fisicamente, já que pesado. O título nos incomodava, mas não soubemos à época (2014) dizer o motivo. Anos depois, estamos novamente frente ao livro, abrimos no início.

No prefácio, o autor diz que o livro seria sua “homenagem à grandiosidade da natureza (...) contemplei *um mundo inalterado a milênios*<sup>2</sup>. (...) Minha busca por *comunidades primitivas...*” (SALGADO, 2013, p. 7). Sua motivação para a realização do livro foi a de perseguir “um sonho romântico, de encontrar – e *partilhar* – um mundo *primitivo* mais invisível e inalcançável do que *deveria ser*” (*Id.*). Já sobre o título do livro:

Demos<sup>3</sup> o nome de *Gênesis* porque *imaginamos uma viagem no tempo*, às erupções e aos terremotos que moldaram a terra; à atmosfera e ao fogo que originaram a vida; às espécies mais antigas de animais que *ainda resistem* à domesticação; às tribos remotas cujo *estilo de vida* se mantém em grande parte *inalterado*; e às *ancestrais* formas de organização humana *ainda existentes*. Eu queria examinar como a humanidade e a natureza têm coexistido ao longo dos tempos naquilo que agora chamamos de equilíbrio ecológico.

(...) Meu objetivo era o de retratar esses povos<sup>4</sup> o mais próximo possível do seu *estilo de vida ancestral*. Alguns se vestem com roupas de segunda mão distribuídas por grupos evangélicos, mas eu queria mostrar os trajes cerimoniais e os costumes tribais de que eles mais se orgulham e de que,

---

<sup>1</sup> Observe que a noção de ocidente não corresponde à da geografia física. Sempre que possível daremos preferência ao termo “Imperialista, Imperial” usado pela Ariella Aïsha Azoulay, apenas para evitar confusões geográficas quando nos referirmos aos que exerceram/exercem poder de dominação sobre outras pessoas e/ou territórios.

<sup>2</sup> Destacamos em negrito algumas palavras e frases do livro de Salgado que serão alvo da leitura ao longo deste trabalho.

<sup>3</sup> Refere-se à criação em conjunto do livro com sua editora Lélia Wanick Salgado.

<sup>4</sup> Refere-se aos índios Zo’ê da Amazônia, os Korowais da Papua Ocidental e outros que vivem em isolamento voluntário.

dentro de algumas décadas, *poderão restar as fotografias. Cedo ou tarde o mundo moderno irá atingi-los – ou serão eles que irão procurá-lo*. Eu quis captar um mundo que está desaparecendo, *uma parte da humanidade que está prestes a acabar*, mas que, no entanto, ainda vive, de muitas maneiras, em harmonia com a natureza. (SALGADO, 2013, p. 6, 7 e 8)

Além do prefácio de Salgado, o livro traz texto de Lélia Wanick Salgado sobre o processo de produção do trabalho, captação de recursos e agradecimento aos inúmeros patrocinadores; texto em conjunto de Salgado e Lélia com agradecimento especial à empresa Vale do Rio Doce; e texto de Irina Bokova, diretora da UNESCO, enaltecendo o livro: “este é o poder de Gênesis, este novo livro de Sebastião Salgado. Ele tem o poder de abrir os nossos olhos, de mudar a maneira como vemos o mundo. É o primeiro passo para mudarmos o nosso comportamento” (SALGADO, 2013, p. 13).

O livro é dividido em cinco partes intituladas: Sul do Planeta, Santuários, África, Terras do Norte, Amazônia e Pantanal. O capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indonésia* faz parte de Santuários:

A Nova Guiné, ilha montanhosa ao norte da Austrália, é um dos habitats mais antigos do mundo, com mais de 1000 línguas e grupos étnicos conhecidos. A ilha está dividida politicamente, com a independente Papua-Nova Guiné, a leste, e a província indonésia de Papua Ocidental, também conhecida por Irian Jaya, a oeste. (...) O grupo menos aculturado da ilha é o dos Korowais, também conhecidos por “canibais gentis” porque caçam e comem aqueles que julgam ser feiticeiros. Com exceção de um revestimento para o pênis, os homens andam nus; e as mulheres vestem apenas uma pequena saia feita com folhas. Como a guerra entre os clãs é comum, o chefe vive numa casa construída 30 metros acima do chão. (SALGADO, 2013, p. 118 e 119)

No fascículo, para o capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indonésia* as fotografias e legendas dizem respeito às comunidades korowai e yali. Destacamos algumas legendas como exemplo:

Página 143: 2. O interior de uma casa na árvore, onde podem viver até oito *elementos* da mesma família korowai. Vivendo até 40 metros acima do chão, eles podem ver toda a cobertura florestal. Papua Ocidental. Indonésia. Fevereiro e março de 2010. (Figura 4)

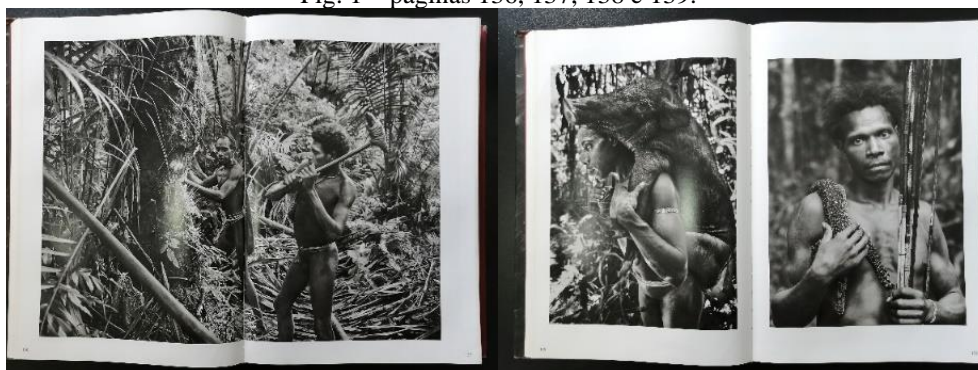
Página 143: 3. Como, em sua maioria, os korowais ainda utilizam ferramentas de pedra no seu dia a dia, tornaram-se conhecidos, em inglês, por *Stone (age) korowai*. Os korowais são caçadores e coletores, sendo grande parte de sua alimentação baseada no sagu, um amido extraído do interior do caule do saguizeiro e que é depois transformado em farinha. Esta fotografia mostra os korowais usando machados de pedra, facas de osso, martelos de madeira e outras ferramentas antigas para arrancar a casca do saguizeiro. (Figura 4)

INTERIN, v. 25, n. 2, jul./dez. 2020. ISSN: 1980-5276.

Página 142: (...) esta remota e espetacular paisagem protegeu os yali do contato com o mundo moderno até os missionários cristãos terem penetrado na região durante a década de 1970. Mais ainda hoje, como muitos *povos isolados*, os yali têm o que aos estranhos parece *uma vida encantadoramente simples*. (...) (Figura 3) (SALGADO, 2013, p. 8 e 9 do fascículo)

Ao ler os textos e ver as fotografias, algumas perguntas vieram imediatamente à mente. Os korowais e os yali sabem o que foi escrito sobre eles? Viram ou ajudaram a selecionar as fotografias que viriam a público? Eles sabem que estão sendo chamados de primitivos embora sejam indivíduos contemporâneos do fotógrafo? Eles sabem que para o fotógrafo suas comunidades estão destinadas ao fim, são “uma parte da humanidade que está prestes a acabar”? Estas pessoas retratadas no livro possuem nome? Se sim, por que seus nomes não são citados pelo fotógrafo? Não há no livro nenhuma fala direta de membros destas comunidades. Os textos são do fotógrafo. Quem são os korowais, os yali? São aquilo que Salgado determina que são?

Fig. 1 – páginas 136, 137, 138 e 139.



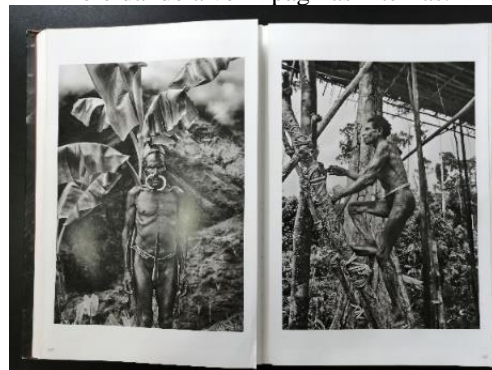
Fonte: SALGADO, 2013.

Fig. 2 – página 140 e 141.



Fonte: SALGADO, 2013.

Fig. 3 – página 142 e 147, que se abrem no meio dando a ver 4 páginas internas.



Fonte: SALGADO, 2013.

Fig. 4 – páginas internas entre as páginas 142 e 147: 143, 144, 145 e 146.



Fonte: SALGADO, 2013.

Fig. 5 – páginas 148, 149, 150, 151 e 153.



Fonte: SALGADO, 2013.

Fig. 6 – páginas 154, 155, 156, 157, 158 e 159.



Fonte: SALGADO, 2013.

Fig. 7 – páginas 160, 161, 163, 164 e 165.



Fonte: SALGADO, 2013.

Fig. 8 – página 166 e 167.



Fonte: SALGADO, 2013.

### 3 Mundo Ordenado x Mundo Implicado

Denise Ferreira da Silva (2007, 2016, 2019) tem se dedicado a desconstruir o pensamento moderno-ocidental<sup>5</sup>, expondo como pensadores fundaram, e campos científicos propagaram reiteradamente, discursos de racialidade<sup>6</sup> que legitimam cientificamente o racismo – ferramenta simbólica, política, jurídica e econômica, um dos principais alicerces do capitalismo desde 1492. A filósofa diz que a separabilidade, a determinabilidade e a sequencialidade são os três pilares que sustentam este pensamento (SILVA, 2016, p. 60). Os dois primeiros presentes a partir dos textos de Kant (sec. XVIII), o último a partir dos textos de Hegel (séc. XIX):

*Separabilidade*, isto é, a ideia de que tudo o que pode ser conhecido sobre as coisas do mundo deve ser compreendido pelas formas (espaço e tempo) da intuição e as categorias do Entendimento (quantidade, qualidade, relação, modalidade). (...)

*Determinabilidade*, a ideia de que o conhecimento resulta da capacidade do Entendimento de produzir conceitos formais que podem ser usados para determinar (isto é, decidir) a verdadeira natureza das impressões sensíveis reunidas sobre a forma da intuição. (...)

*Atualização*, em que corpo de mente, espaço e tempo, Natureza e Razão, são duas manifestações da mesma entidade, a saber, o Espírito, ou a Razão enquanto Liberdade. (...)

---

<sup>5</sup> Aqui uso o termo “moderno-ocidental”, pois a filósofa se debruça exclusivamente sobre os pensadores europeus e os campos científicos desenvolvidos na Europa, do séc. XVI ao séc. XX, não abrangendo outros países imperialistas, como o Japão, no Oriente.

<sup>6</sup> Diferença racial biológica (visual) e cultural entre seres humanos que servem de justificativa moral, ética e política para a expropriação, exploração e subjugação econômica e jurídica de alguns seres humanos por outros dentro do modo de existência capitalista.

*Sequencialidade*, descreve o Espírito como um movimento no tempo, um processo de autodesenvolvimento, e a História como a trajetória do Espírito. (SILVA, 2019, p. 39)

O homem branco moderno-ocidental patriarcalista e capitalista classificou os seres humanos e não humanos que habitam o mundo compartilhado em categorias, determinando suas identidades, essências, lugares no tempo e no espaço. Criou seus Outros, aqueles que eram diferentes de si e os determinou numa hierarquia social como inferiores. Nas palavras de Fanon (2008, p. 90): “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem e dizer: *é o racista que cria o inferiorizado*”.

Na linha do tempo hegeliana, ao Outro foi atribuído o lugar de passado, foi chamado de *primitivo, selvagem, inalterado, próximo à natureza*. Enquanto as comunidades europeias e, posteriormente, norte-americanas<sup>7</sup>, foram consideradas como civilização, como o estágio mais avançado do Espírito. Por serem pensados e vistos como pertencentes ao passado e não como contemporâneos, os Outros estavam condenados a serem aniquilados ou engolfados em nome do avanço, do progresso da civilização, do futuro que pertence ao novo. Esta é a temporalidade moderno-ocidental, ou moderno/colonial<sup>8</sup>, linear, destruidora de formas de existência e hierárquica.

Não se pode afirmar, contudo, que a criação do Outro tenha se dado apenas a partir de Kant ou Hegel. É bem provável que estes pensadores modernos apenas teorizaram aquilo que vinha sendo prática da colonização desde 1492 quando os europeus inventaram a justificativa do “novo mundo” para invadir, saquear, explorar e subjugar territórios e pessoas, considerados “de fora”, em benefício próprio. O mundo compartilhado, foi assim considerado matéria para exploração capitalista, separado e dividido entre colônias/Metrópoles, depois entre Estados-Nações.

A formação dos Estados-Nações e o fim da colonização territorial não significou em absoluto o fim das formas de colonização. Os Estados-Nações absorveram as ideias colonialistas das Metrópoles e as replicaram/replicam internamente num processo chamado “colonialismo interno” (CASANOVA, 2007). A

---

<sup>7</sup> Por norte-americano entende-se Canadá e EUA. O México, embora geograficamente situado ao norte não é considerado como norte-americano, mas como pertencente à América Latina.

<sup>8</sup> O sociólogo Aníbal Quijano (1992, 2000) usa o termo moderno/colonial por entender o colonialismo como a outra face da modernidade, a face oculta, que sustenta as civilizações ditas modernas.



socióloga Silvia R. Cusicanqui aprofunda a questão ao enfatizar os processos de produção de subjetividades, entendendo o colonialismo interno como:

Um conjunto de contradições diacrônicas de diversas profundidades, que emergem à superfície da contemporaneidade e cruzam, portanto, as esferas coetâneas dos modos de produção, dos sistemas políticos estatais e das ideologias ancoradas na homogeneidade cultural. (CUSICANQUI, 2010, p. 36)

Em termos psicanalíticos, Fanon (2008) e Kilomba (2019) ajudam a compreender como as formas de colonização atuam sobre o inconsciente, sobre os desejos, sobre a imaginação, a forma de ver e de narrar o mundo. As pessoas, tanto as que ocuparam/ocupam o lugar de subjugação (o Outro, o Subalterno) quanto as que ocuparam/ocupam o lugar de dominação replicaram/replicam, ainda que inconscientemente, as estruturas de poder moderno/coloniais<sup>9</sup>.

Uma postura anticolonial é uma posicionamento eticopolítico frente a todas as formas de dominação coloniais, externas e internas, que se mantem atuantes ordenando o mundo. Contra o Mundo Ordenado, Silva (2019) defende a existência emaranhada, o Mundo Implicado, que rompe com as ideias de separabilidade, determinabilidade e sequencialidade:

E se, em vez do Mundo Ordenado, imageássemos cada coisa existente (humano e mais-que-humano) como expressões singulares de cada um dos outros existentes e, também, do tudo implicado em que/como elas existem, ao invés de como forças separadas que se relacionam através da mediação de forças? (SILVA, 2019, p. 43)

Isto é, sem a separabilidade, “a diferença entre os grupos humanos e entre entidades humanas e não-humanas possui muito pouco poder de explicação e significado ético” (SILVA 2016, p. 65). Conhecer e pensar não poderiam ser reduzidos a determinar, decidir, categorizar, classificar. E a sequencialidade não daria conta de explicar “as muitas maneiras como os humanos coexistem no mundo” (*Id.*).

(...) a diferença não é uma manifestação de um estranhamento irresolvível, mas a expressão de um emaranhamento elementar. Isto é, quando o social reflete o Mundo Emaranhado, a socialização não é mais nem causa nem efeito das relações envolvendo existentes separados, mas a condição incerta

---

<sup>9</sup> Aníbal Quijano (1992, 2000) fala de estruturas matriciais de poder colonial que atuam reforçando os processos de dominação seja no nível da sociedade (estrutura social e cultura), seja no nível da subjetividade (colonizando os desejos e a capacidade de imaginação política do indivíduos de uma sociedade) e, igualmente, no nível do saber (o conhecimento como reforço aos processos de dominação).

sob a qual tudo aquilo que existe é uma expressão de cada um e de todos os outros existentes efetivos ou virtuais no universo. (SILVA, 2016, p. 65)

Bogre (2019, p. 77) diz que vemos as imagens fotográficas por meio de nossos valores e crenças, nós adicionamos o que vemos a nossa experiência. Poderíamos ver as imagens do livro de Salgado por meio do filtro moderno-ocidental de conhecimento (separabilidade, determinabilidade e sequencialidade) e seu arsenal da racialidade que nos possibilita dizer que tais indivíduos korowai e yali, figurados no livro sem nome, são *primitivos*, que são *espécimes* do passado, que vivem em lugares separados, isolados no tempo e no espaço, e estão condenados ao fim. Mas as fotografias, ainda que contextualizadas pelo autor nestes termos, permitem uma outra abordagem.

Silva propõem uma abordagem às produções culturais (seja como criador ou espectador) que identifique e dissolva os pilares ontoepistemológicos do pensamento moderno, que exponha e descarte “as modalidades da gramática kantiana” (SILVA, 2019, p. 48) e, acrescento, hegeliana. A filósofa fala que o alvo de sua abordagem são os “elos de ligação (implícitos e explícitos) entre a arte e seu modo particular de expressão de um ideal de humanidade” (*Id.*). De um lado a obra, do outro o arsenal da racialidade balizados pelas premissas da separabilidade, determinabilidade e sequencialidade. Que ideal de humanidade a obra expressa? Esta seria a pergunta a ser feita.

Observe que esse tipo de abordagem não se contenta com as intenções do autor da obra, com sua “boa fé”, nem com causas primárias das quais a obra seria uma representação transparente, como gostariam os puristas da fotografia documental. Aqui não cabem os rótulos imperialistas de “neutralidade”, “objetividade”, que apenas ocultam o sujeito que determina e fixa o que é dito sobre o sujeito determinado, o Outro, como algo “natural”, obliterando a violência do processo de determinação imposta sobre o Outro. É um tipo de abordagem, que se baseia em outros princípios ontoepistemológicos, a saber: a afetabilidade, atentabilidade e intencionalidade – precedentes ao Entendimento kantiano.

(...) Isto é, a apreensão (momento em que o conhecimento requer atenção e intenção) e a sensação (momento em que a vontade [will] é mediada somente pelo objeto/outro). O excesso figura nas noções kantianas de apreensão (no momento da cognição) e afetabilidade (no momento do desejo). Cada um corresponde a um momento no qual, de acordo com Kant, o ser humano responde ou reage ao que está fora, à exterioridade: o

momento das ideias confusas e obscuras [nuclear] e das inclinações e paixões não-verificadas (pela razão pura), isto é, o momento anterior à reflexão, ao pensamento, que não possui a lei moral e o Entendimento. (SILVA, 2019, p. 78)

É uma abordagem em que nos afirmamos implicados, não neutros, não separados. É um modo de conhecimento que assume a relação que existe entre si mesmo e os efeitos que produz, isto é, que assume que “nossos modelos de intervenção, qualquer aparato mobilizados no conhecimento de assuntos humanos, produz os próprios resultados que adquirem” (SILVA, 2019, p. 82). Se fazemos uma leitura seguindo os princípios ontoepistemológicos do pensamento moderno-ocidental, estamos produzindo/reproduzindo esse pensamento, seu ferramental da racialidade e, portanto, formas de colonização. Se fazemos uma leitura contra esse pensamento, estamos produzindo/reproduzindo outras formas de pensar o mundo compartilhado, os seres humanos e não-humanos que o habitam, nós incluídos.

Pois bem, a partir de uma posição anticolonial, apoiada nos princípios ontoepistemológicos apresentados pela filósofa brasileira, abordamos o livro *Gênesis*, mais especificamente o capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indionesia*, buscando a ligação entre os sujeitos que vemos representados nas fotos e aquilo que é dito sobre eles pelo autor. Isso nos mostrará não apenas as estratégias visuais e discursivas que Salgado usa na constituição desses indivíduos em seu trabalho, mas também que tipo de pensamento e de ideal de mundo está sendo expresso no livro, especificamente no capítulo lido. Tudo o que tinha para falar sobre o fotógrafo, suas intenções, seus ideais, já foi dito pelo próprio em seus textos de apresentação da obra. A matéria da leitura é exclusivamente a narrativa verbovisual que está inserida no livro. É a partir daí que o capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indionesia* será lido.

#### **4 Uma leitura anticolonial do capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indionesia***

Chimanda Ngozi Adichie (2019, p. 23) diz que “o poder é a habilidade de não apenas contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. Como leitores, milhares de quilômetros distantes das comunidades korowai e yali, nos resta confiar na autoridade (poder exercido) do fotógrafo de nos

contar e de determinar em seu discurso quem são ou deixam de ser os korowais e os yali, chamados por Salgado de *comunidades primitivas*.

Ao folhear o livro, damos continuidade ao ato de violência praticado pelo fotógrafo ao exercer o direito imperial<sup>10</sup> de ver e exibir (AZOULAY *in* ZUM, 2019, p. 121) ao mundo ocidental e seus aliados a imagem e a história de povos que, por vontade própria, preferem viver “isolados”, ou melhor, preferem viver uma modo de existência (e não um “estilo de vida”) não aceito pelo imperialismo global. Longe de mudar nosso comportamento, de “me abrir os olhos”, como gostaria a diretora da UNESCO, ver apenas reafirma nosso direito imperial de “dissecar e estudar o mundo das pessoas” (*Id.*) sem sermos afetados por sua existência.

Fotógrafos, como artistas, adquirem, como parte de seu *habitus* profissional, o direito de se relacionar com os mundos dos outros, como matéria-prima, ou, na linguagem atual, como “referências” materiais para estudo, admiração ou apropriação. (AZOULAY *in* ZUM, 2019, p. 133)

Pelo texto, lemos que Salgado admira esses povos, sua vida mais próxima à *natureza*, num mundo *primitivo, inalterado, uma viagem no tempo*. É dentro de um discurso binário moderno-ocidental, entre natureza/cultura, primitivo/contemporâneo, inalterado/novo, que os indivíduos das comunidades korowai e yali são transsubstancializados em matéria-prima, figuras ou personagens das imagens do fotógrafo. Sua história (a das comunidades) é única e “ênfatisa como somos diferentes, e não como somos parecidos” (ADICHIE, 2019, p. 28).

Como leitores, lemos os textos e vemos as fotografias como dois elementos complementares que atuam na composição de uma narrativa sobre os indivíduos korowai e yali. Na companhia de Salgado, podemos dizer que lemos e vemos que eles são primitivos, enquanto nós somos contemporâneos; eles são próximos à natureza, enquanto nós somos próximos à cultura; eles são inalterados e nós atualizados, novos; eles não possuem nome, enquanto nós possuímos; eles estão próximos do fim e eu

---

<sup>10</sup> O termo “imperial” diz respeito as estruturas de poder usadas nas sociedades moderno ocidentais capitalistas para a exploração e subjugação de povos e territórios em benefício próprio. Azoulay é a única autora neste trabalho a usar tal termo. Os demais autores se referem a sociedade moderna, moderna/colonial, moderna ocidental e variantes.

tenho o futuro pela frente. Estamos, portanto, separados espacial e temporalmente. Eu nós nos autodeterminamos; eles, por nós, são determinados.

Abandonamos a companhia de Salgado e detalhamos agora os pontos que mais nos chamaram a atenção. Para começar, os indivíduos retratados não possuem nome, buscamos e não encontramos em lugar nenhum do livro seus nomes. Aos moldes etnográficos<sup>11</sup>, as “pessoas permanecem imóveis e sem nome, sem história, identidade ou aspirações” (BOGRE, 2019, p. 38). Salgado escreve sobre eles como indivíduos inalterados no tempo, portanto, sem história, presos numa temporalidade fixa. Na temporalidade imperialista assumida pelo autor como norma, eles são “*primitivos*” frente à “civilização”. Este último é o nome dado para distinguir os modos de existência moderno-ocidentais, “*mundo moderno*” (para usar os termos do fotógrafo), como superiores, pertencentes ao presente e ao futuro, enquanto os demais estariam “*prestes a acabar*”, pois pertenceriam ao passado, à *gênesis* da humanidade.

Quando o autor nos diz que se trata de indivíduos de comunidades primitivas, somos imediatamente levados ao passado. Mas, pasmem, as imagens foram realizadas no séc. XXI, são de indivíduos contemporâneos do fotógrafo, são nossos contemporâneos. Não estamos olhando para imagens do passado, estamos olhando para o presente. Só podemos vê-los como primitivos se aceitamos a linha do tempo hegeliana. Quando não aceitamos isso, passamos a vê-los exatamente como nós somos, expressões da vida no presente, cujo futuro é incerto.

As fotografias nos atestam que os indivíduos nelas representados<sup>12</sup> contrariam a universalização do tempo proposta pelas ciências moderno-ocidentais. Ao contrário de estarem “*prestes a acabar*”, fadados a se tornarem “civilização” – numa fala que romantiza, naturaliza e “antecipa a extinção das pessoas” (AZOULAY, 2019, p. 94) – eles apenas mostram a impossibilidade da dominação absoluta pelos poderes imperialistas. Eles existem e, por existirem, desafiam os defensores da homogeneidade

---

<sup>11</sup> Em *Toward a global idea of race* (2007), Denise Ferreira da Silva detalha como as Ciências do Homem e, posteriormente, a Antropologia e a Etnografia contribuíram ampliando e reforçando o arsenal da racialidade.

<sup>12</sup> Evidentemente, que aqui estou aceitando que o fotógrafo não contratou atores e que se trata de fato de indivíduos das comunidades korowai e yali que foram retratados em seus lugares de moradia. Este é um nível de confiança que depósito no autor do livro, é um acordo ético que estabeleço com ele, para realizar a leitura de seu trabalho.

moderno-ocidental dos modos de existência do mundo que compartilhamos. Contudo, nada nos é dito no livro sobre seu passado ou sobre suas aspirações. Eles estão congelados no tempo, fotográfica e textualmente, são vistos e determinados pelo autor como “remanescentes exóticos de culturas passadas” (AZOULAY, 2019, p. 85), por isso possuem um “*estilo de vida ancestral*” que está “*prestes a acabar*”.

Salgado documenta estes indivíduos para resgatá-los fotograficamente, transformando indivíduos contemporâneos em figuras do passado, primitivas e/ou bíblicas, já que tais fotografias estão inseridas no contexto de um livro denominado *Gênesis*. Este último termo, diz respeito tanto ao que se encontra na origem (entendida como o ponto de início de algo na linha do tempo hegeliana), quanto ao primeiro livro da Bíblia, o qual narra como Deus criou a Terra<sup>13</sup>.

Sobre a representação imagética desses indivíduos, acrescentamos uma informação fornecida pelo próprio fotógrafo: “alguns se vestem com roupas de segunda mão distribuídas por grupos evangélicos, mas eu queria mostrar os trajes cerimoniais e os costumes tribais de que eles mais se orgulham (...)” (SALGADO, 2013, p. 8). Quase imediatamente lembramos de outro fotógrafo, Edward S. Curtis<sup>14</sup> e sua vasta documentação dos nativos americanos nas primeiras décadas do séc. XX (PARR; BADGER, 2004). Ambos os fotógrafos anteciparam em seus discursos a extinção das pessoas que fotografavam; ambos resgataram fotograficamente essas pessoas contemporâneas como figuras do passado; e, ambos procuraram documentá-las em trajes típicos de sua cultura, evitando mostrar os pontos de contato de sua cultura ancestral “primitiva” com a cultura, igualmente ancestral, moderno-ocidental.

---

<sup>13</sup> Sobre o significado de “gênesis” foi consultado o Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/genesis/>>. Acesso em 18 mar. 2020.

<sup>14</sup> Sobre Edward S. Curtis foi consultado o site do fotógrafo. Disponível em: <<https://www.edwardscurtis.com/>>. Acesso em 18 mar. 2020.

Fig. 9 – Nativos americanos com um relógio vitoriano entre eles. Edward Curtis manipulou a foto para remover o relógio quando a publicou em 1910, a fim de produzir uma representação 'autêntica' dos nativos.



Fonte: CURTIS/Biblioteca do Congresso<sup>15</sup>

Se o modo como constituem o Outro em seus trabalhos documentais aproxima os dois fotógrafos, um século os separa. Os indivíduos fotografados continuam a ser usados como matéria-prima para representar aquilo o fotógrafo previamente quer dizer sobre eles, isto é, para corroborar um ponto de vista previamente definido. Não interessa a Salgado mostrar tudo aquilo que ele de fato encontra, mas que seu texto não oblitera, como as encruzilhadas culturais ou as imposições religiosas imperialistas ainda em atuação no mundo, não interessa abordar os indivíduos korowai e yali em sua complexidade de existência. O fotógrafo aloca-os à uma forma prévia, uma categoria abstrata, “primitivos, tradicionais”, e para isso as imagens devem ratificar sua “*cultura ancestral*”, quase “*inalterada no tempo*”. Mas que, numa perspectiva anticolonial, trata-se apenas de uma cultura que não segue as exigências da temporalidade moderno-ocidental capitalista do “novo”.

Salgado realiza, então, imagens plausíveis, que ratificam o seu discurso textual. Não vemos indivíduos com roupas ocidentais, apenas com os trajes designados como típicos de sua cultura, retratados no estilo etnográfico do indivíduo sem nome, o Outro, um espécimen. Assim, vemos indivíduos retratados com acessórios e vestimentas que enaltecem sua diferença, seu exotismo em relação aos indivíduos norma da cultura moderno-ocidental, provável público do trabalho de Salgado. Vemos até o típico

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.winnipegfreepress.com/opinion/analysis/taking-identity-185134251.html>>. Acesso em 21 mar. 2020.

retrato estereotipado de uma jovem mulher negra com os seios nus em meio a natureza que a envolve (Figura 2)<sup>16</sup>, cuja composição nos transmite uma certa carga de erotismo, ingenuidade e exuberância. Vendo a foto no contexto proposto em *Gênesis*, poderia chamar a figura da fotografia de “Eva” e a natureza envolta o paraíso perdido. Mas, na nossa leitura, esta fotografia nos fala mais sobre a intersecção (CRENSHAW, 2002) dos processos de subjugação racial e de gênero perpetrados pelos que fazem uso do direito imperial de ver e exibir a vida e o corpo dos considerados Outros sem se responsabilizar sobre para quem está sendo exibido, que efeitos podem desencadear tal exibição, ou sequer refletir sobre os estereótipos raciais e de gênero que se está reforçando.

O ponto importante é que os estereótipos referem-se tanto ao que é imaginado, fantasiado, quanto ao que é percebido como “real”, e as reproduções visuais das práticas de representação são apenas metade da histórias. A outra metade – o significado mais profundo – encontra-se no que não está sendo dito, mas está sendo fantasiado, o que está implícito, mas não pode ser mostrado. (HALL, 2016, p. 200)

Ao abordar a estereotipização imagética de indivíduos lidos como negros nas sociedades moderno-ocidentais, Stuart Hall (1992, 2016) destaca a fixação desses indivíduos em estruturas binárias entre polos opostos que valorizam a diferença entre o Eu, superior, normal, o branco ocidental, e o Outro, inferior, anormal, o negro. Os negros ora são infantis, ora supersexualizados, ora selvagens, ora bárbaros, ora simplórios, ora perigosos; sendo o polo oposto a estes marcadores ocupado por aquele que se autodetermina como norma, o Eu. Hall (1992, 2016), leitor de Fanon (2008), compreende a estereotipagem racial também como um processo de projeção e de fantasia do racista. Dito isso, avancemos na leitura desta imagem que afetou particularmente Marina: “me incomodando, assim que a vi, pois pelo fato de também ser mulher e negra me sinto diretamente implicada”. Na legenda dessa fotografia (Figura 2), Salgado diz:

Como, em sua maioria, os korowais ainda utilizam ferramentas de pedra no seu dia a dia, tornaram-se conhecidos, em inglês, por *Stone (age)*<sup>17</sup> *korowais*. Seu território de 600 quilômetros quadrados, uma região

---

<sup>16</sup> Pela composição da imagem e pelas informações textuais do livro não consigo dizer se a mulher posou para o fotógrafo ou se este realizou a fotografia sem que ela percebesse.

<sup>17</sup> Tradução: Idade da Pedra.



pantanosa no sudoeste do país, é confinado pelo mar, os rios Becking e Eiulanden e as montanhas ao norte. Cerca 2500 korowai vivem neste difícil terreno em pequenos grupos familiares. Papua Ocidental. Indonésia. Fevereiro e março de 2010. (SALGADO, 2013, p. 8 do fascículo)

Nada é dito sobre a jovem mulher retratada. Não sabemos seu nome, apenas que ela é da comunidade korowai e, portanto, conhecida como pertencente à “Idade da Pedra”. Mais uma legenda para fixar a mulher, cuja imagem vemos na fotografia, e a comunidade à qual ela representa como um tipo, um espécimen do povo korowai, num passado remoto, primitivo, próximo à natureza e distante da civilização. Aliás, a simbiose entre a mulher e natureza é tão grande na composição imagética da fotografia que poderia tomar uma pela outra e dizer que a natureza é o corpo desta mulher e vice-versa: “nela, natureza e cultura coincidem e, portanto, poderiam ser substituídas uma pela outra (...)” (HALL, 2016, p. 205). E, desse modo, vemos que essa fotografia (Figura 2) apresenta mais uma imagem do corpo de uma mulher negra, que se soma a vasta representação de corpos de mulheres negras realizadas por homens brancos e exibida fotograficamente no ocidente (na foto em questão, num composição que justapõe o erotismo juvenil da pose à natureza exuberante); isto é, disponibilizada para o olhar fetichista do homem branco moderno-ocidental, neste caso, provável consumidor do livro de Salgado.

A esta altura da leitura, podemos afirmar que a narrativa do capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indionesia* do livro *Gênesis* produz/reproduz o pensamento moderno-ocidental, imperialista, alicerçado nos princípios da separabilidade, determinabilidade e sequencialidade e de seus discursos de racialidade. No Mundo Ordenado, os korowai e yali são apresentados na narrativa do livro como espécimes isoladas e do passado, em vias de extinção. No Mundo Implicado os vemos como nossos contemporâneos, indivíduos com os quais partilhamos o mundo comum em que habitamos.

Quanto às perguntas feitas ao final da apresentação do capítulo, no segundo tópico, não conseguimos respondê-las. O livro não fornece respostas para elas. Nada é dito sobre a relação estabelecida entre o fotógrafo e os indivíduos fotografados. A única informação fornecida por Salgado é a de que só foram fotografadas comunidades que autorizaram. Mais nada sobre esses encontros é dito. Contudo, a partir da matéria do livro, uma coisa fica evidente: a narrativa é *sobre* os korowais e yali e não *com* eles.

## 5 Considerações Finais

Para compreender o mundo em que vivemos de um outro modo, um modo não segregacionista, não determinista e não hierárquico, um modo que não estabeleça vencedores e derrotados numa linha do tempo fatalista, é preciso se desconstruir, se descolonizar. Isto é, descolonizar nossos afetos, desejos, pensamentos e, conseqüentemente, a forma como abordamos as questões humanas. E isso não é tarefa fácil. Os autores do pensamento crítico anticolonial se colocam a si e a quem opta por sua abordagem a atribuição de não produzir/reproduzir o pensamento imperial que ainda nos coloniza, a todos e, se possível, contribuir na investigação de outras formas de existir e pensar o mundo que sejam mais benéficas para a manutenção da vida no planeta.

Trazemos isso para o campo da produção fotográfica e pensamos que é preciso rever seus procedimentos de trabalho e de apresentação. O processo de trabalho do fotógrafo deve ser explícito para que o leitor/espectador possa saber exatamente como se chegou a tais resultados fotográficos e textuais (pensamos aqui na narrativa verbovisual lidas para este trabalho), isto é, saber como foram os encontros que resultaram nas fotografias feitas. A fotografia é uma tecnologia imperial (AZOULAY, 2019) que contribuiu/contribui na afirmação de um mundo fragmentado, composto de partes separadas que podem ser catalogadas e exibidas. Por meio da fotografia, seres humanos contemporâneos foram convertidos em figuras do passado. Pessoas detentoras de poder (suporte financeiro/tecnológico/institucional) no mundo moderno-ocidental se outorgaram/outorgam o direito de exibir a vida daqueles chamados de Outros no colonialismo em benefício de si próprias, da obtenção de lucro pessoal e da manutenção das estruturas imperiais; e, portanto, colonialistas.

A leitura de *Gênesis* e, mais especificamente, do capítulo *Tribos de Irian Jaya, Indonésia* nos mostrou que se este livro existe, se os indivíduos dos povos korowai e yali são tratados com tipo, figuras do passado, determinados numa narrativa que os fixa no espaço-tempo e os extermina antecipadamente, e se tudo isso é validado pela UNESCO significa que ainda temos uma longa jornada na descolonização do mundo compartilhado. Posicionar-se contra o colonialismo é só o primeiro passo.

## REFERÊNCIAS

ADICHE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AZOULAY, Ariela A. **Civil imagination: a political ontology of photography**. London; New York: Verso, 2015.

\_\_\_\_\_. **Potential History**. London; New York: Verso, 2019.

BOGRE, M. **Documentary photography reconsidered: history, theory and practice**. London; New York: Bloomsbury Visual Arts, 2019.

CUSICANQUI, S.R. **Violencias (re)encubiertas en Bolivia**. La Paz: Piedra Rota, 2010.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 1963. Salvador: EDUFBA, 2008.

CASANOVA, P. G. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORON, Atilio, AMADEO, J. e GONZÁLEZ, S. (orgs.). **La teoría marxista hoy**. CLACSO, Buenos Aires, 2006.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Apicuri, 2016.

KILOMA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo no cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PARR, M; BADGER, G. **The photobook: A History**, v. I. London: Phaidon, 2004.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder e clasificacion social. **Journal of World-Systems Research**. v. I, n. 2, 2000, p. 342-386.

\_\_\_\_\_. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

SILVA, D. F. **A dívida impagável**. São Paulo: Edição do autor, 2019.

\_\_\_\_\_. **Toward a global idea of race**. London; Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

\_\_\_\_\_. Sobre diferença sem separabilidade. In: VOLZ, J; REBOUÇAS, J (org.). **32ª Bienal de São Paulo: incerteza viva** (Catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, p. 57-65.

SILVA, D. F.; OTOCH, J. Em estado Bruto. **ARS (São Paulo)**, v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019a.

Recebido em: 11/05/2020

Aceito em: 02/06/2020

INTERIN, v. 25, n. 2, jul./dez. 2020. ISSN: 1980-5276.